O ESTADO DE S. PAULO PÁG.: A15 - CAD./COL: GERAL/EDUCAÇÃO – 31.8.2003

Grupo critica corporativismo de sindicatos

Entidades não brigam para abrir faculdades aos alunos carentes, criticam professores

RIO – Criticar o corporativismo dos sindicatos de professores universitários já não é monopólio de economistas liberais ou do governo quando enfrenta as freqüentes e longas greves do setor. Agora, a acusação começa a partir de alguns professores que acham que a atuação sindical está agravando a crise da universidade pública brasileira, cronicamente envolta em problemas financeiros, greves e insatisfação de mestres, alunos e funcionários.

O momento emblemático dessa briga ocorreu no dia 12, quando, em uma assembléia da Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Adufrj), a proposta de encerrar imediatamente a greve contra a reforma da Previdência foi vitoriosa, por 77 votos contra 75.

"Esse episódio representou um ponto de inflexão e foi totalmente inesperado", diz Giuseppe Cocco, professor de Serviço Social da UFRJ. Cocco, Ivana Bentes, professora de comunicação social, e Tatiana Roque, professora de matemática, lideraram um movimento que acabou levando a UFRJ a sair da greve contra a reforma. A ação envolveu o uso intensivo da internet, com o envio de mensagens e a participação em listas de discussão, e um abaixo-assinado com cerca de 200 adesões, incluindo a de alguns acadêmicos de renome como o antropólogo Gilberto Velho e o historiador José Murilo de Carvalho.

Ao longo de três assembléias, a ala contra a greve foi engrossando os seus votos. Mesmo derrotado nas duas primeiras, conseguiu vencer na terceira e decisiva assembléia.

A LA PÓS FIM A GREVE CONTRA REFORMA

Cocco, Ivana e Tatiana fazem parte de um grupo que quer "definir uma nova pauta política de discussão sobre a universidade pública". O professor se diz "contra o pacto da mediocridade, que construiu uma pauta com discurso de esquerda e atitude conservadora".

Hipocrisia – Para eles, porém, o maior pecado dos sindicatos e da burocracia universitária é não brigar de forma efetiva para abrir a universidade pública para a massa de brasileiros pobres que quase não tem acesso a ela.

"Se o lema histórico é 'por uma universidade pública e gratuita', vamos discutir o que é público. A crítica à privatização *(avanço das universidades privadas)* é totalmente hipócrita, porque há uma demanda enorme de vagas que não é atendida pela universidade pública", acusa Cocco. De acordo com dados compilados pelo economista Marcelo Néri, da equipe do Censo de 2000, havia 843 mil alunos no 3.º grau público e 1,9 milhão no particular. A oferta de vagas nas universidades privadas tem crescido bem mais rápido.

Na visão de Cocco e de suas companheiras, o instrumento da greve tem sido mal usado pelo sindicato e está agravando ainda mais a crise da universidade pública. "A greve entra em piloto automático todo ano", diz Ivana. Cocco acrescenta que elas ocorrem de forma "burocrática e inercial". Para Tatiana, "essas greves, todos os anos, estão reduzindo o número de alunos que querem entrar na universidade pública". Eles se dizem favoráveis à reforma da Previdência, mas não necessariamente a proposta pelo governo. Ainda assim, consideraram absurda a proposta dos sindicatos de parar para pressionar pela retirada do projeto do Congresso.

O problema principal, para Cocco, é a atual pauta de discussão dos sindicatos: "Discutem vaga de professor, mas não vaga de aluno; discutem reposição salarial, mas não a produtividade do professor da universidade pública."

Eles vêem o trabalho dos pré-vestibulares comunitários como complementar, já que o objetivo também é sacudir e abrir a universidade, especialmente a pública. Um dos participantes do grupo, chamado de "Universidade Nômade", é Alexandre do Nascimento, secretário geral do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC). "É preciso mexer com a estrutura da universidade, obrigar o poder público a olhar a demanda popular por acesso, que está cada vez maior", diz.

Fabio Motta/AE

Nascimento: 'É preciso mexer com a estrutura da universidade'

Desmonte – Cleusa Santos, presidente do Adufrj, o sindicato da UFRJ, nega veementemente que o movimento sindical e suas lutas se oponham à popularização da universidade pública. Diz que Cocco e o seu grupo omitem o fato de que todas as decisões foram precedidas de amplos debates, dos quais, segundo Cleusa, eles não participaram. Para a sindicalista, a reforma da Previdência faz parte de um conjunto de projetos do Banco Mundial para o Brasil e está causando um "desmonte da universidade pública", porque está levando muitos professores a antecipar-em a aposentadoria.

"O sindicato age como se fosse possível romper com o capital internacional e não ter uma comoção social absurda, como na Venezuela", critica Tatiana. "É incoerente defender essa posição e querer manter o valor da remuneração dos funcionários públicos." (F.D.)